

**BEM-VINDO À BAHIA CORAÇÃO DO BRASIL:
AXÉ MUSIC RITMO DE UM POVO A MAIS DE MIL**

Deusires Fonseca da Silva¹

Rasiella Pereira dos Santos²

Josiane Alves Ferreira³

Maria Augusta da Silva Serpa⁴

Maria Conceição Dias da Silva⁵

Resumo: O presente artigo pretende discutir o campo musical baiano, caracterizando os aspectos históricos do axé music desde os precursores até a contemporaneidade, além de destacar a importância do trio elétrico para a difusão do carnaval. Nesse sentido, faz necessário dialogar com teóricos que fazem referência a esta temática tais como: Milton Moura, João José Reis, Paulo Cesar Miguez de Oliveira, Jorge Moutinho, Ricardo Maurício Freire Soares, Armando Alexandre Castro, Marilda Santanna.

Palavras-chave: Carnaval; Axé Music; Trio Elétrico.

Abstract: This paper discusses the musical field Bahia, featuring historic aspects of ax music from the precursors to the contemporary as well as highlighting the importance of the bandwagon to spread the carnival. Thus, it must engage with theorists who refer to this subject such as: Milton Moura, Joao Jose Reis, Paulo Cesar de Oliveira Miguez, George Moutinho, Ricardo Mauricio Freire Soares, Alexandre Castro Armando, Marilda Santanna.

Keywords: Carnival;Axe Music; Electric Trio.

¹ Pedagoga com Habilitação para projetos e coordenação pedagógica de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, pela UNEB – Universidade do Estado da Bahia. Especialista em Gestão e Planejamento Escolar, Pela Universidade do Estado da Bahia –UNEB, Graduanda em Artes,pela Universidade do Estado da Bahia/Parfor –professora da Rede Municipal de Ensino de Barreiras Bahia.deusiresfonseca@hotmail.com

² Graduanda em Artes, pela Universidade do Estado da Bahia. Professora da Rede Municipal de Ensino de São Desidério-BA.grazy.ritas@gmail.com

³ Pedagoga com Hab. Nas matérias pedagógicas do 1º e 2º grau do magistério, pela Universidade do Estado da Bahia. Graduanda em Artes pela Universidade do Estado da Bahia/ Plataforma freire. Professora da Rede Municipal de Ensino de Barreiras-BA. josianearte@hotmail.com

⁴ Pedagoga com Hab. em Educ. Infantil e Magistério do Ensino Fundamental nas Séries Iniciais, pela Universidade do Estado da Bahia. Especialista em Educação Profissional Integrada na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Bahia, Graduanda em Artes, pela Universidade do Estado da Bahia. Professora da Rede Municipal de Ensino de Barreiras-BA. maugustaserpa@hotmail.com

⁵ Graduanda em Artes, pela Universidade do Estado da Bahia. Professora da Rede Municipal de Ensino de Barreiras. conseicadasmaria@hotmail.com

1 Introdução

O carnaval é uma festa popular que faz parte da identidade do povo brasileiro e costuma atrair milhares de turistas de várias partes do mundo. Apesar de ser de origem européia, o Brasil hoje também é conhecido como o país que tem um dos melhores carnavais do mundo.

Ao fazer uma viagem pela história do carnaval no Brasil, ficou evidente que inúmeras transformações ocorreram nessa festa. As mudanças estão desde as músicas até o comportamento das pessoas que participam desse evento. Nesse artigo, a pretensão é conhecer um pouco mais do carnaval da Bahia, tendo como foco a festa que acontece na capital baiana, festa essa que contagia todos com essa alegria que só se encontra neste estado.

O multiculturalismo presente no Brasil contribuiu para o surgimento de um ritmo que mesmo sendo alvo de críticas se consolidou no carnaval da Bahia e nos carnavais fora de época que acontece no Brasil e em outros países. Além disso, a invenção do trio elétrico ampliou ainda mais a dimensão desse evento soteropolitano, pois essa máquina faz o folião vivenciar uma verdadeira maratona musical.

A evolução dos blocos carnavalescos, movimenta a economia do estado e torna essa festa popular em um evento elitizado, porque só sai em blocos que pode pagar por um abada. Além disso, os camarotes só podem ser freqüentados por uma minoria que pode custear um luxo que é para poucos.

Para a efetivação dessa produção, foram realizadas pesquisas em obras de alguns teóricos que ousam escrever sobre essa temática tão rica, pois conhecer uma festa popular dessa proporção é conhecer a história da cultura de um povo.

2 Carnaval da Bahia: festa de um povo que contagia

Falar da origem do carnaval na Bahia é fazer uma viagem pelas raízes da cultura de um povo, fazendo uma breve reflexão acerca do percurso das manifestações negras na Bahia, voltando no tempo, especificamente no século XIX, período colonial em que as manifestações eram vistas como momentos de revoltas contra o regime escravocrata. Nessa perspectiva, Reis (2002, p.101) ressalta que:

O caráter polissêmico e polimorfo da festa negra viabilizava, portanto uma série de possibilidades como, por exemplo, “rituais de identidades étnicas, reunião solidárias de

escravos e libertos, competição e conflitos entre os festeiros, ensaios para levantes contra os brancos.

Na primeira metade do século XIX essa visão de “revolta de escravos” dividiu as camadas dominantes entre os que acreditavam que os festejos serviam para que os negros se organizassem para as rebeliões, enquanto para outros era uma forma dos escravos reduzirem as tensões sociais.

De fato era que esse tipo de festejo era bastante delicado no Brasil colônia em que cerca de quatro milhões de africanos foram trazidos para o país como escravos e faziam pressões sobre as autoridades coloniais e imperiais, causando temores em virtude de suas batucadas.

Para Reis (2002, p. 117) o medo coletivo provocava a circulação de rumores nem sempre fundamentados. Temia-se que o batuque e dança viesse subverter a simbologia europeia e evoluísse para subversão de toda a esfera social, comandada pelos europeus ou pelos seus descendente. “A festa africana representava uma ameaça ao projeto de uma Bahia civilizada à maneira europeia, além de ameaçar uma Bahia escravista bem real” (ibidem,p. 129).

Não bastasse apesar das diversas tentativas repressoras por partes dos agentes políticos e policiais, a melhor maneira das autoridades lidarem com as festas africanas era combinar tolerâncias. Apesar da resistência burguesa, os elementos simbólicos organizados pela comunidade passaram a ser utilizados até nos nossos dias por agentes interessados em utilizar-se dos bens simbólicos e tradicionais da cultura africana.

O Brasil é um país tipicamente festivo. E foi na Bahia que tudo começou; que desde o seu descobrimento até a entrada do carnaval baiano, se transformou em um tabuleiro de ritmos e estilos musicais, um verdadeiro espetáculo capaz de revelar a Bahia e o seu povo para milhares de telespectadores que assiste em seis dias diferentes prazerosos, vividos com alegria a maior festa de rua do mundo, que reúne e envolve uma massa gigantesca de foliões, capaz de mobilizar e movimentar a cidade de Salvador e sua economia, transformando a manifestação cultural e popular em um produto Industrial. Oliveira (1996, p.10-11) destaca que:

O carnaval baiano é hoje um fenômeno que expressa uma complexa pluralidade de dinâmicas, imbricando processos do mundo simbólico-cultural, do mundo dos negócios e do mundo do Estado, realinhando, permanentemente, os atores da festa e suas respectivas lógicas. Assim o complexo e plural, o espaço carnavalesco reproduz, com fidelidade, diferenças e desigualdades do cotidiano, remetendo-as a conflitos diversos expressos pela festa: “negro x branco”, “pobre x rico”, “casa x rua”, “tradição x inovação”, “público x privado”. Ela própria, a festa, vive o conflito entre ser festa ou espetáculo, entre render-se ao prazer ou assumir-se como negócio. Mas, na realidade, a festa alimenta-se dos conflitos. Não pretende, portanto, resolvê-los. E é como expressão deles que se auto-renova e reafirma a sua permanente contemporaneidade.

O carnaval de Salvador, no decorrer dos últimos anos, vem adquirindo uma estrutura cada vez mais industrial e comercial, mercantilizando a cultura e a história do carnaval baiano em produto que atende a demanda até fora do país, mediante a interferência midiática que deixa transparecer uma imagem carnavalesca de um Estado da “Alegria” onde a sua capital se transforma na terra da folia, do sorriso e da música, ou seja, é a venda da baianidade e da nossa cultura.

3 Axé Music: ritmo presente no multiculturalismo baiano

O Brasil é um país multicultural, rico em sua diversidade. Nesse sentido, não se pode falar do ritmo musical axé music, sem fazer referências às críticas feitas por jornalistas, músicos e outros artistas. Além disso, mitos foram construídos acerca desse ritmo, pois algumas pessoas dizem que o mesmo possui baixa qualidade técnica, arranjos mal elaborados, canções repetitivas, músicos tecnicamente pouco habilitados, excesso de unidade temática. No entanto, o que se percebe é a falta de conhecimento e preconceito como diz Castro (2010, p. 210):

A sensibilidade e qualidade técnica dos músicos, arranjadores e diretores musicais em atividades nas bandas de Axé music são relevantes no processo de legitimação desta, ainda que tais informações sejam restritas ao meio musical [...].

Nota-se que o axé music tem como representante artistas que dialogam em outros ritmos ou ainda que, abandonaram outros ritmos, para dedicar-se somente ao axé e enriquecendo-o trazendo em suas apresentações ritmos variados, então será que os músicos do axé music não são autodidatas? Para ilustrar esse questionamento, faz-se uso das sábias palavras de Moura (2001, p.221 in Castro 2010 p.210) quando diz que o axé music é: “interface de estilos e repertórios e não um gênero musical”.

O axé nasce em meio ao hibridismo cultural “arranhando” cordas, tambor, timbau, num país Afro, no estado de todos os santos, todas as cores e todas as raças. Na década de 1950, na Bahia, ao som do frevo Pernambucano tocado por Dodô e Osmar em suas rudimentares guitarras elétricas que receberam batismo de guitarra baiana.

É importante ressaltar que o axé music, é a mistura do forró, maracatu, reggae e calipso. Esta mistura tocada em um caminhão registrado por Fubica 1929, nascendo assim, o trio-elétrico e como

atração do carnaval baiano Caetano Veloso a frente de bloco carnavalesco. Mas é, em 1968, cantando a canção “Atrás do trio elétrico” que o carnaval corrobora para a expansão do novo ritmo musical e, mais tarde Moraes Moreira, dos novos baianos têm a ideia de subir no trio (até então, era somente instrumental) para cantar foi o marco zero, ou seja, ali ocorre o batismo do axé music como primogênito natural da Bahia.

Outro aspecto relevante que deve ser lembrado que paralelamente aos trios os blocos Afros se proliferavam como: Filhos de Gandhi (com Gilberto Gil), Badaué, Ilê aiyê, Muzenza, Araketu e Olodum – os mesmos tocavam ritmos africanos como Ijexá, brasileiros como o maracatu e, o samba (usando instrumentos da escola de samba do Rio de Janeiro) além desses ritmos também tocava dos caribenhos o Merengue. Segundo Castro (2010, p. 204) o axé music é composto por:

Diversos estilos e gêneros musicais locais e globais como: Frevo, Ijexá, samba, reggae, salsa, rock, lambada dentre outros. Percussão e guitarras baianas que temperavam o “caldeirão” de uma cidade que verbera música e etnicidade.

É válido ressaltar que o novo ritmo “axé music”, foi estimulado e contratado por empresários de blocos carnavalescos seguindo parâmetros estéticos e ao mesmo tempo musicais.

Impossível falar do axé music, sem ressaltar a sua origem, embora a década de 80 fosse o marco de consolidação desse ritmo baiano. Sua solidificação envergonha críticos, jornalistas, empresários desacreditados, bem como músicos baianos que não acreditavam em sua concretização, enquanto ritmo musical. Nessa perspectiva, essas pessoas puderam assistir em vida, acompanhar o crescimento, sucesso e a contribuição desse ritmo para elevar o nome do Brasil em outros países. Cai o mito de que o axé music, seria apenas, um ritmo momentâneo que logo cairia no esquecimento do público. Ledo engano, o axé music atravessou fronteiras.

Dentre a primeira internacionalização do gênero baiano, está a Copa do Mundo de 1990, na Itália, como assinala o tecladista José Raimundo (in Castro, 1990, p.212):

Fomos para copa do Mundo, na Itália, em 1990. Foi uma grande estratégia comercial da Perdigão que levou o trio - elétrico para Torino. Foi o primeiro trio-elétrico que chegou à Europa de navio e montado. Na época que estivemos na Itália, a lambada estava no auge por lá com o grupo Kaoma. Musica brasileira eles só conheciam Caetano, Gilberto Gil, Benjor, Djavan, etc. Enfim MPB. O Axé era conhecido por minoria de italianos que freqüentavam o carnaval da Bahia. Quando começamos a tocar ninguém dançava, pois eles tem uma cultura de assistir o espetáculo e nunca tinham visto um caminhão com um som daquele tamanho. Há um ponto interessante nisso, pois tinha gente lá de todas as culturas, pois era uma Copa do Mundo. Eles começaram a ficar

fascinados com o ritmo da música e, meio desajeitados, imitaram muitos brasileiros que estavam lá dançando, e começaram a entrar no clima de festa que o axé proporciona.

O relato acima demonstra que o axé, conquista seu espaço e a pronta aceitação do público não só dos baianos e do Brasil, mas também de públicos do mundo inteiro.

Cabe frisar ainda que, a palavra axé já fazia parte da cultura baiana, ou seja, soteropolitana, por fazer parte do cotidiano da mesma, visto que é uma saudação religiosa usada no candomblé e na umbanda religiões estas, presentes fortemente em Salvador e que significa energia positiva e, assim, ganhou maior dimensão por ser comum a todos até mesmo, aos visitantes estrangeiros que visitam a Bahia em época de carnaval.

Depois da década de 1990, o axé music perde forças deixa de circular nos veículos de comunicação midiáticos como: rádio, TV, bares etc. O axé music vem passando por diversas transformações desde a sua consolidação na década de 80, isto porque, além de sofrer influências de outras misturas musicais, ainda conta com a ousadia e criatividade das novas divas que representam atualmente o axé music como: Daniela Mercury, Ivete Sangalo, Margareth Menezes e Cláudia Leite, as mesmas têm uma maneira peculiar de gerenciar suas carreiras tanto dentro como fora do carnaval baiano. É o caso de Ivete Sangalo com o seu trio Maderada, bloco Cerveja & Cia e a produtora Caco de Telha, Margareth Menezes com o bloco Os Mascarados e a produção do bloco Afro Pop brasileiro, Trio Técnico, o bloco Crocodilo e a produtora Canto da cidade. Assim, Castro (2010, p. 212) enfatiza que:

O axé music transcendeu, rompendo fronteiras e barreiras mercadológicas e territoriais. Por outro lado, impulsionou o surgimento de setores e atividades que corroboram com o desenvolvimento da música no Estado da Bahia, além de disseminar a marca Bahia dos quatro cantos do mundo. Nos campos estéticos ou organizacionais, inovou, criando novos mercados e possibilidades de experiências. Novas redes de profissionalidade foram, e continuam sendo implementados na Bahia, assim como a tessitura de uma ampla teia de relações a partir da legitimação deste gênero em outras localidades.

É possível observar que a trajetória do axé music trilhou por caminhos difíceis, mas muitos artistas não desistiram perante as dificuldades o que fez com que o axé music fosse consolidado e responsável pela ascensão de muitos baianos que até então viviam na obscuridade no que se refere a situação econômica e reconhecimento enquanto artista, além de ser responsável tanto pelo turismo do Estado da Bahia, como também do Brasil.

4 O Trio Elétrico: uma máquina de fazer a alegria do carnaval da Bahia

O carnaval da Bahia não seria o mesmo sem o som do trio elétrico, máquina que anima o folião e faz a alegria do povo baiano. Mas a história desse caminhão que como num passe de mágica transforma-se em uma caixa de som gigante já possui algumas décadas.

É impossível fazer referência ao trio elétrico e não mencionar quem foram os inventores desse símbolo do carnaval da Bahia. Nessa perspectiva, autores que escrevem sobre esta grande festa popular abordam que no ano de 1950 Osmar Macedo ao lado do seu inseparável amigo Dodô causaram uma revolução no carnaval baiano em cima de uma fubica⁶. Vale destacar que naquela época a guitarra elétrica ainda não tinha chegado em nosso país. No entanto, em um Ford 29, essa dupla de amigos tornou o carnaval bem mais animado através de som amplificado dos “paus elétricos”⁷ que acabavam de criar. Millarch (1987, p. 7), destaca que:

Osmar e Dodô se juntaram a um percussionista arrastaram multidões durante o carnaval ao som de um frevo elétrico, um ramo puladinho que substituiu por instrumentos eletrônicos os metais do frevo pernambucano. Estava inventado o trio elétrico.

Mesmo com a morte de Dodô o velho Osmar continuou saindo no Trio Espacial e o trio elétrico é considerado uma instituição do carnaval baiano. Nessa perspectiva, Moutinho (1998), enfatiza que o trio elétrico é um dos maiores fenômenos de massa do Brasil, pois consegue atrair milhares de pessoas durante os dias de carnaval, sem falar nas micaretas⁸ que existem nos quatro cantos do país.

Moutinho (1998) salienta ainda que a guitarra baiana, contribuiu para que surgisse uma nova forma de som carnavalesco no Brasil, mas resiste a duras penas, uma vez que Armandinho e Aroldo Macêdo, ambos filhos de Osmar são praticamente os únicos que ainda tocam esse instrumento no carnaval de hoje, em Salvador.

Cabe mencionar que o carnaval baiano de hoje é totalmente diferente. Além disso, os trios elétricos também passaram por grandes mudanças. São modernos, muitos deles além do tamanho e potência, possuem em seu interior um verdadeiro camarim de luxo para receber os artistas que mais fazem sucesso na Bahia.

⁶ Carro pequeno ou calhambeque.

⁷ Uma ripa de madeira com seis cordas de aço acoplada a um sistema de amplificação, ambos construídos numa oficina de fundo de quintal.

⁸ Carnaval fora de época.

É importante ressaltar que o repertório desses artistas também modificou ao longo dos anos, pois em cima do trio os cantores são bem ecléticos cantam as músicas baianas mais tocadas nas rádios, axé music, pagode, músicas carismáticas, internacionais, dentre outros estilos musicais. Assim Oliveira (1996, p. 86) aborda que:

O fenômeno que pode ser chamado de “trieletrificação, o trio elétrico abriu uma linha evolutiva marcada por hibridismo sem precedentes na história da música brasileira. Do frevo ao rock, do reggae ao ijexá, passando por xotes, baiões, xaxados, choros, e o que mais se apresenta, nada resiste ao “pique antropofágico do som do trio – carnavalizando tudo que encontra pela frente – os clássicos mais populares e os populares mais clássicos”. Dessa forma, o trio elétrico, ao recriar sons e ritmos tão diversos, produz um verdadeiro sincretismo cultural, de resto, muito ao gosto do que se entende por cultura brasileira, e, particularmente, baiana.

Moutinho (1998) ressalta que raramente se ouve os clássicos dos carnavais de outrora e tece críticas enfatizando que os clássicos como “Pombo-correio” de Dodô, Osmar e Moraes Moreira tem sido substituído principalmente pelas músicas de duplo sentido como o “O pinto” do grupo Raça Pura. Dessa forma, fica visível que a evolução do trio elétrico agregou novas características ao carnaval da Bahia.

Vale salientar também que as divas do carnaval baiano dão um verdadeiro show de beleza encima dos trios elétricos, pois Daniela Mercury, Ivete Sangalo, Cláudia e Margareth Menezes investem na boa forma, em fantasias e decoração dos trios para torná-los ainda mais atrativos e fazer com os integrantes dos blocos apreciem cada vez mais essa festa da Bahia. Dessa forma, Santanna (2008), aborda que tanto em cima do trio elétrico quanto nos palcos de grandes proporções, exige-se muita movimentação por parte dessas “maratonistas vocais”, o que justifica a necessidade de cuidados especiais para os artistas que fazem com que o carnaval da Bahia seja considerado um dos melhores do mundo.

Oliveira (1996) salienta que o carnaval baiano ganhou contornos empresariais, a partir do trio elétrico, pois este abriu contorno para a difusão de uma lógica comercial que marca a organização da festa, pois o trio elétrico revela-se um excelente veículo para a divulgação de propagandas, sendo alvo privilegiado daqueles que desejam que suas marcas sejam conhecidas por milhares de pessoas.

Outro personagem importante na história do trio elétrico foi Orlando Campos que trouxe inovações para o trio elétrico, uma vez que ele foi segundo Oliveira (1996) o responsável pela

padronização das dimensões da estrutura dos trios elétricos, tendo sido o Tapajós, o pioneiro na construção e uso de grandes carrocerias e no desenvolvimento de variados formatos alegóricos.

É válido abordar que Dodô e Osmar podem ser considerados “imortais”, porque apesar de não estarem fisicamente no carnaval da Bahia, jamais serão esquecidos, pois inventaram máquina que movimenta a economia e faz a alegria daqueles que passam o ano esperando os dias em que podem extravasar e aproveitar a vida em clima de festa.

5 Blocos Carnavalescos: industrialização da cultura popular da Bahia

O carnaval de Salvador, hoje é conhecido mundialmente e isso fez com que essa festa popular atraísse pessoas de vários lugares, fortalecendo assim o turismo da Bahia. Nesse sentido, os blocos de rua foram ganhando outras características, pois o carnaval que era do “povão” passou a ser daquelas pessoas que podiam pagar por um abadá⁹. Dessa forma, Soares (2010) ressalta que a atual configuração do carnaval de Salvador vem gerando grandes controvérsias dentro da sociedade soteropolitana. Os grandes empresários ainda dominam o carnaval da cidade e controlam o Conselho do Carnaval.

Vale abordar que o carnaval de rua está desaparecendo pela invasão dominante do circuito fechado. Percebe-se com a inclusão dos camarotes e blocos, o folião pipoca vem perdendo o seu espaço de ir e vir, da maioria da população.

Outro fator preponderante para o descaso com os foliões da maior festa popular do mundo, é a essência cultural e histórica do carnaval, que integra as marchinhas carnavalescas, o desfile e a valorização dos blocos afros, a sonoridade dos instrumentos musicais, são espaços que dantes eram navegados e reservados ao folião pipoca, que faz a festa acontecer.

Soares (2010) ressalta ainda que a trilha sonora é de grandes grupos e o carnaval popular não está presente no lançamento do carnaval de Salvador. Assim, fica evidente que houve a elitização dos principais blocos carnavalescos, fazendo com que o carnaval da Bahia seja uma festa para uma classe privilegiada.

Vale destacar também que esse modelo mercantilista do carnaval, ao mesmo tempo que faz perder a identidade cultural de um povo impulsiona a economia de um estado, gerando muitos empregos ainda que sejam temporários. Nessa perspectiva Soares (2010, p.2) enfatiza que:

⁹ Camiseta utilizada pelos foliões dos blocos de carnaval.

Os defensores desse modelo mercantilista de concepção do carnaval da Bahia argumentam que as mencionadas alterações resultariam do natural desenvolvimento das forças produtivas no âmbito do capitalismo contemporâneo, contribuindo não só para a acumulação de lucros, como também para o incremento do turismo, o aquecimento da economia, a geração de postos de trabalho e o aumento da arrecadação tributária pelos entes federativos.

É válido abordar que há muitos preconceitos em relação às classes sociais no carnaval da Bahia. Fato visível nos camarotes destinados a elite e nos espaços demarcados pelos cordões de isolamento humano que são exclusivos para as pessoas que compram o abadá. Além disso, aqueles que não podem pagar ficam do lado de fora do cordão e são apelidadas de “pipocas”. Assim, apesar do governo do Estado divulgar que o carnaval é para todos, sabe-se que atualmente o carnaval baiano não é voltado apenas para cultura popular, mas principalmente para os interesses de uma minoria de privilegiados.

6 A Face do Carnaval Baiano Com o Advento dos Camarotes

Na atual conjuntura de uma sociedade moderna capitalista é impossível dissociar a ação cultural, da Indústria do lazer e do entretenimento. Para que essa revolução cultural do carnaval baiano acontecesse foi necessário alguns fatores importantes para evolução da folia em Salvador. Um dos fatores sem dúvida foram os camarotes privados, e especialmente o circuito Barra/Ondina, onde surgiram os espaços privilegiados para o público privado, apreciar a festa com todo conforto.

Com os camarotes, estruturas fixas foram expandindo, tomando outros espaços, para oferecer conforto ao folião pagante. Segundo Adorno (1978), o carnaval baiano é o resultado de uma fusão de transformações do homem enquanto ser social uma forma de organização das sociedades. “Com efeito, a indústria cultural é importante, enquanto característica do espírito hoje dominante”.

A estrutura dos camarotes pode variar, entre uma ampla varanda onde é possível apreciar várias atrações, além de contarem com sanitários, praça de alimentação, boate; o seu acesso é feito com camisa e pulseira diferentes para cada dia, e no que diz respeito às taxas cobradas através do órgão SUCOM¹⁰ para a montagem das estruturas são irrisórias, mediante o carnaval ser considerado uma atividade cultural.

Outro fator que propiciou essa grandiosa folia foi à renovação do axé music presença marcante na folia carnavalesca baiana, desde a década de 50, com a criação do trio elétrico com Dodô e Osmar. Portanto, a axé music é tida como uma identidade cultural baiana/brasileira, que na visão de Moura (2001, p.215):

Chamo de axé music à interface do repertório musical e se desenvolveu basicamente a partir do encontro entre a tradição do trio elétrico e o evento afro, que por sua vez recapitula a tradição da musicalidade negra do Recôncavo em conexão com outras vertentes estéticas da diáspora.

Para o autor, a axé music não se configura em um estilo musical ou mesmo gênero musical, mais sim em uma pluralidade de ritmos advindos da mistura entre o samba, pagode, reggae e das músicas latinas e a presença em forma da negritude com os atabaques na música. E apesar de o samba-reggae ter origem na Bahia, não é considerado axé e sim um estilo da MPB independente e inovador. Foi assim que o cenário musical baiano foi-se delineando nesta diversidade cultural.

¹⁰ Superintendência de Controle e uso do solo.

Cabe salientar que nesse processo artístico, estético e musical baiano foi elaborado a partir da década de 50 com pinceladas feitas por Dodô e Osmar no quesito trio elétrico; e o frevo enquanto gênero musical massivo. É através do cantor Luiz Caldas na década de 80, registra a sua marca na música baiana, com o LP *Magia* que alcançaria o sucesso no Brasil com a música *Fricote* (negra do cabelo duro), apresentando nos meios televisivos com um visual exótico, que aliado a música e a cultura local presente nos blocos afros, tornou-se uma referência estética para a identidade afro-brasileira.

O artista Luiz Caldas inicia, esboça uma obra musical carnavalesca destacando como marco inicial relevante para a historiografia do axé music, enquanto isso abre o espaço para o mercado cultural e midiático para estrelas como: Tonho Matéria, Gerônimo, Banda Reflexus, Banda Mel, entre outros, que vem fortalecer um período musical que traz em sua essência uma musicalidade afro-descendente, tendo como temática a presença da cultura africana, reforçando assim a identidade cultural baiana.

Com esta inovação surge outra geração de estrelas no Brasil como: Chiclete com banana, Sarajane, Cid Guerreiro, Márcia Freire e Margareth Menezes (a primeira que inicia a carreira internacional, com a ajuda do líder da banda americana, David Byrne). Pouco depois, foi o Olodum que recebeu o convite de Paul Simon.

O carnaval de Salvador tomou suas formas, cores e sons como referência internacional, exigindo dos organizadores mais investimentos do poder público. Portanto na avenida, a festa multicultural conta com ritmos e batidas do samba-reggae e do axé music, com ampla gama de estilos musicais, que revelou em seu status musical e antropofágico¹¹, estrelas como: Daniela Mercury, Bell Marques, Ivete Sangalo, Cláudia Leite além de Margareth Menezes, Carlinhos Brown entre outros, que reforçaram o momento musical baiano/brasileiro. Esses artistas atraem multidões de todos os cantos do Brasil e do mundo, trabalham incansavelmente durante o ano para que o carnaval possa surpreender os milhões de foliões, contribuindo para que esta manifestação cultural perdure.

A mídia é responsável, juntamente com o governo e os empresários, para que a axé music e a produção carnavalesca baiana prospere utilizando como uma temática proposta, baseada no tripé carnaval-produto-economia ou simplesmente carnaval-negócio, denominado assim por Oliveira (1996).

¹¹ Movimento iniciado no final dos anos 20, por Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, etc., que afirmava a necessidade de devorar tanto as manifestações artísticas estrangeiras, e transformar em uma arte genuinamente nacional.

O panorama atual do carnaval de Salvador se configura um carnaval-produto que comercializa os seus atores, artistas, axé music, publicidade, órgãos privados e o turismo, esses são dados e informações colhidos através da Emtursa¹², e da empresa central do carnaval entre outros meios, como os vendedores ambulantes, que chamamos de economia informal ou de rua, que se instala em meio às esquinas e becos dos circuitos, que corroboram e sustentam a nova configuração da festa enquanto carnaval negócio.

Este panorama carnavalesco reflete apenas um dos sintomas da desigualdade social, produzindo outra rede de micro negócios, que gera a receita para as pessoas de baixa renda, que vêm na folia não só por diversão, mais sim como uma maneira de ganhar dinheiro extra para auxiliar na renda familiar. A economia informal do carnaval é tão importante quanto à economia formal, já que:

Essa arquitetura reticular funciona como meio de integração, ao megaevento carnaval, de uma miríade de micronegócios, de produtos autônomos e de ocupações temporárias, concorrendo para alargar e requalificar, a contribuição e a importância da economia informal no carnaval baiano (LOIOLA; MIGUEZ, 1996, p.33).

Assim a organização dessa folia necessita de um aparato que envolve a mídia publicitária, o governo estadual, organizadores do carnaval, patrocinadores, as estrelas musicais com a diversidade de estilos musicais; axé music e o comércio informal. É neste contexto de infraestrutura criada para a festa carnavalesca que abrange uma área de 25 quilômetros, que se exige projetos arrojados e grandes investimentos que surgem com os camarotes (espécie de arquibancada confortável). Os camarotes são a opção para quem não quer o agito da multidão dos blocos e não quer deixar de participar da festa. Hoje os camarotes possuem uma rica estrutura e lazer.

Com o advento dos camarotes e dos blocos carnavalescos, o carnaval que é uma festa popular, é também quase uma contradição, pois a folia se transformou em um verdadeiro *apartheid*¹³, dividindo em classes: alta e baixa, em que a elite curte o melhor da festa luxuosa com seus camarotes VIPS ou nos blocos concorridos, enquanto a maioria dos foliões arriscam na pipoca e, entre os cordeiros que trabalham duro, ou seja é um carnaval demagógico¹⁴. Enquanto isso, donos de camarotes e artistas baianos enchem seus bolsos. É a lei do mercado, que engole a maior fatia dessa folia baiana, tida como uma indústria cultural, que está reduzindo cada vez mais

¹² Empresa de Turismo de Salvador.

¹³ Significa “vidas separadas” em africano, era um regime segregacionista que negava os negros da África do sul...

¹⁴ É a estratégia de obter poder político apelando aos preconceitos, emoções, medos e expectativas do público.

o espaço do folião pipoca que aproveitam a passagem dos trios na rua ou seguem os trios independentes, ou seja, o espaço reservado a esse público maior, que é cerca de 60%, dados da Secretaria de Cultura da Bahia, são de foliões que estão na pipoca.

Durante o período carnavalesco na Bahia, assistimos pela TV, um megaevento elitizado, pois os foliões pipoca estão sumindo, mediante o mínimo espaço reservado para arquibancadas, além circuito fechado para os blocos, ficando o folião pipoca perdido em meio à estrutura dessa nova face do carnaval baiano.

Com essa visão econômica acerca do carnaval baiano é possível notar um desrespeito em relação a identidade cultural da festa popular chamada “Carnaval”, que é um patrimônio histórico e cultural da Bahia, que precisa ser resgatado e preservado, pelos protagonistas dessa história, dos trios elétricos e de suas estrelas musicais, que popularizou em todo o Brasil. Nesse sentido, não há mais espaço reservado aos precursores dessa manifestação cultural.

7 Considerações Finais

O presente artigo procurou percorrer caminhos pela história do carnaval da Bahia, festa que contagia as pessoas com a alegria do povo baiano. Assim, no primeiro momento, buscou-se fazer referência a origem dessa festa popular. Posteriormente foi citado a importância do axé music para a elevação do carnaval e crescimento econômico do Estado, em especial da capital baiana.

Ao enfatizar o trio elétrico, foi possível conhecer de que forma essa máquina que faz a alegria durante os dias de carnaval foi inventada, além de acompanhar a evolução do mesmo no decorrer dos anos.

Respaladas por autores que escrevem sobre a temática, foi possível perceber as transformações que ocorreram nos blocos carnavalescos, mudanças essas que contribuíram também para o advento dos camarotes. Além disso, ficou evidente que o carnaval da Bahia, atualmente não tem apenas a função de promover a alegria do povo, pois as questões voltadas para a economia são muito fortes, o que descaracteriza essa festa popular, tornando-a em uma festa industrial.

É necessário salientar que não podemos deixar as nossas raízes culturais africanizadas e populares desaparecer diante desse capitalismo que gira em torno do carnaval baiano. É preciso

sim ter um espaço reservado para o momento cultural e não apenas para essa mercantilização que acontece com os blocos carnavalescos.

É válido ressaltar ainda que a produção do artigo não foi fácil em função do número incipiente de autores que escrevem sobre o tema. Nesse sentido, espera-se que outros trabalhos sejam realizados na área, já que o carnaval da Bahia é uma festa que possui uma grande dimensão nos quatro cantos do planeta.

Referências

- AZEVEDO, Ricardo. **Axé- music: o verso e o reverso da música que conquistou o planeta**. Salvador: alpha.co ltda, 2007.
- CASTRO, A, A. **Axé music: mitos e verdades e World music**. Per musi, Belo Horizonte. N.22, 2010, p.203 – 217. Disponível em: www.scielo.br/armandocastro@hotmail.com Acesso em: 26/11/2011.
- COLL, César &TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo Arte**. Editora: Ática, SP, 2000, 190 e 191 pp.
- DUMÊT, Eliana. **O maior carnaval do Mundo: Salvador da Bahia**. Salvador: Omar G. 2004.
- MILLARCH, Aramis. **Dodô e Osmar, baianos que eletrificaram o carnaval**. Publicado em 29 de março de 1987. Disponível em: WWW.millarch.org. Acesso em: 15/11/2011.
- _____. **Trio elétrico virou gênero carnavalesco**. Publicado em 5 de fevereiro de 1989. Disponível em [HTTP: WWW.millarch.org](http://WWW.millarch.org). Acesso em: 15/11/2011.
- _____. **Trio elétrico, 25 anos**. Publicado em 13 de fevereiro de 1975. Disponível em [HTTP: WWW.millarch.org](http://WWW.millarch.org). Acesso em: 15/11/2011.
- MOUTINHO, Jorge. **Trio elétrico de Armandinho, Dodô e Osmar: a resistência do som da velha guitarra baiana**. Cadernos de Colóquio do Programa de Pós-graduação em Música do Centro de Letras e Artes da Universidade do Rio de Janeiro, PP. 55-60. Publicado em 1998. Disponível em: WWW.anppom.com.br. Acesso em: 12/11/2011.
- OLIVEIRA, Paulo Cesar Miguez de. **Carnaval baiano: as tramas da alegria e a teia de negócios**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, 1996. Disponível em: WWW.academiadosamba.com.br Acesso em: 26/11/2011.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Evolução do carnaval latino-americano**. Ciência e Cultura, vol. 32, nº 11, Campinas, 1980.
- SANTANNA, Marilda. **O canto barroco da axé music: Daniela, Margareth e Ivete**.2008. Disponível em:WWW.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo11.pdf. Acesso em 28/11/2011.
- REIS, João José. **Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século**. In: NOGUEIRA, Rodrigo Muniz Ferreira. **A festa negra na Bahia: do medo à apoteose**. Revista de Cultura e Turismo, ano 02, n.01, jan/2008. Disponível em: WWW.uesc/revistas/culturaeturismo Acesso em: 29/11/2011.

SOARES, Ricardo Maurício Freire. **O público e o privado no carnaval de Salvador: em busca de uma ponderação dos direitos fundamentais.** Jornal Virtual Bahia Notícias, 2010. Disponível em: WWW.bahianoticias.com.br Acesso em: 29/11/2011.